

Banda de Música de Alto Santo: cidadania cultural e dimensão socioeducativa

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Francisco Ernani de Lima Barbosa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – er-barbosa@hotmail.com

Agostinho Jorge de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – agostinho.lima1@gmail.com

Resumo. Esta comunicação é um recorte de pesquisa em andamento sobre a Banda de Música Dom Pompeu, da cidade de Alto Santo/CE. A base metodológica é o estudo de caso em associação a ferramentas etnográficas e etnomusicológicas. Com vistas a uma relação com a realidade pesquisada, dialogamos, e tentamos relacionar, os conceitos de instituição social, tradição, cidadania cultural e dimensões educativas e culturais das bandas de música, a partir de autores como Giddens (2001, 2007), Chauí (1995, 2003), Berger e Berger (1977), Béhague (1992) e Penna (2014). Consideramos, de modo preliminar, que o modelo de banda-escola, adotado, fortalecer a cidadania cultural em Alto Santo.

Palavras-chave. Bandas de Música. Cidadania Cultural. Ensino-aprendizagem. Tradição Cultural.

Alto Santo Music Band: cultural citizenship and socio-educational dimension.

Abstract. This communication is an excerpt of ongoing research on the Dom Pompeu Music Band, in the city of Alto Santo/CE. The methodological basis is the case study in association with ethnographic and ethnomusicological tools. With a view to a relationship with the researched reality, we discussed, and tried to relate, the concepts of social institution, tradition, cultural citizenship and educational and cultural dimensions of music bands, from authors such as Giddens (2001, 2007), Chauí (1995, 2003), Berger and Berger (1977), Béhague (1992) and Penna (2014). We consider, in a preliminary way, that the adopted school band model, strengthen cultural citizenship in Alto Santo.

Keywords. Music Bands. Cultural Citizenship. Teaching-learning. Cultural Tradition.

1. Introdução

Esta comunicação apresenta o recorte de uma pesquisa em andamento sobre a Banda de Música Dom Pompeu, da cidade de Alto Santo/CE. Tomamos como base metodológica o estudo de caso por entendermos que, assim, teremos os recursos necessários para a construção dos dados e a possibilidade de vislumbre do objeto de estudo de forma holística e aprofundada, “[...] através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, [com] penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística” (GOLDENBERG, 2004, p. 34). Como pesquisamos a banda em seu contexto – considerando a sua inserção na cultura local e a música como cultura (cf. MERRIAM, 1964), e buscando

uma compreensão dos processos sociais que envolvem o fenômeno estudado –, entendemos que, metodologicamente, é necessário considerar as relações construídas entre os sujeitos e a música, não dissociando a música dos fenômenos sociais. Assim, temos um estudo de caso com densos traços etnográficos e etnomusicológicos, como preconiza Seeger (2008). Nossa base teórica, com vistas a uma relação com a realidade pesquisada, comporta os conceitos de instituição social, tradição, cidadania cultural e as dimensões educativas e culturais das bandas de música.

2. Instituição, tradição, dimensões socioeducativas e cidadania cultural: para uma compreensão das bandas de música

Algumas das características das instituições sociais são a sua organização coletiva, historicidade, objetividade, exterioridade e coercitividade. São indispensáveis para o funcionamento da sociedade, tendo o papel de organizar e inserir os indivíduos em seu contexto social e, “no sentido usual, o termo [instituição] designa uma organização que abranja pessoas [...]” (BERGER; BERGER 1977, p.193). Buscando respostas para as questões que envolvem a sociedade, as instituições passam por transformações ao longo de sua história e sua existência é ligada às suas funções, características e as respostas que elas precisam dar ao grupo social. Portanto, as mudanças ocorridas nas instituições refletem a própria sociedade.

As bandas de música têm certa historicidade em uma comunidade, se configuram como organizações coletivas e possuem uma objetividade. Apontar características como coercitividade e exterioridade para discutir as bandas de música, parece ser controverso. Mas, não. De certa forma a práxis musical, educacional e as concepções sobre música estabelecidas em uma banda de música, conformam e orientam a formação e as ideias sociomusicais de seus membros e daqueles cidadãos que, embora não sendo partícipes diretos de uma banda de música, sentem como sendo “naturais” essas orientações institucionais. As bandas de música se estabelecem como instituições exteriores aos indivíduos, mesmo aos músicos que a perfazem, mas numa relação dialógica. Entendemos que “[...] o indivíduo não é depositário passivo de sua cultura” (KARDINER, 1969 apud CUCHE, 1999), e, assim, a coercitividade ou mesmo autoridade que a banda de música exerce sobre os indivíduos, são por ele reelaborados e incorporados segundo suas necessidades e interesses.

De outra parte, as instituições têm como propósito atender as necessidades sociais, sempre buscando respostas para resolver as contradições presentes em uma sociedade que não

é homogênea, mas em constante conflito político e cultural. Ou seja, são uteis e se estabelecem no âmbito da disputa social. Chauí afirma que:

[...] em outras palavras, a instituição se percebe inserida na divisão social e política e busca definir uma universalidade (imaginária ou desejável) que lhe permita responder às contradições, impostas pela divisão. [e que] a instituição tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa. (CHAUÍ, 2003, p. 6)

As instituições sociais, por sua historicidade, se atualizam, também, no âmbito das tradições de determinada comunidade. A partir do entendimento de que os grupos sociais e a coletividade são os “proprietários” da tradição, e não o indivíduo, a noção de tradição pode ser associada à de instituição. São, assim, as bandas de música – seja na história da cultura brasileira, ou nas comunidades específicas em que se mantêm e exercem determinadas funções. Para Giddens (2007) as tradições estão em constante modificação e evoluem com o passar do tempo. Ao contrário do que muitos pensam as tradições não são estáticas e quase sempre fazem parte da história recente das comunidades humanas. De outra parte, muitas manifestações culturais que supomos tradicionais são, na realidade, bem recentes – tendo no máximo dois séculos de existência. Para esse autor “A idéia de tradição, portanto, é ela própria uma criação da modernidade” (GIDDENS, 2007, p. 50).

Cajazeira (2004) afirma que as bandas de música quase sempre remontam ao passado, e seus membros têm uma ligação muito forte com suas tradições musicais, vindo as mudanças dentro das bandas quase sempre a serem questionadas. Mas, em nosso trabalho, buscaremos questionar essa exclusiva ligação de tradição a passado. Buscamos entender que “[...] a tradição é um meio organizador da memória coletiva” (GIDDENS, 2001, p. 32), e apenas assim se liga diretamente ao passado, como construção do presente. Tomamos como apoio a ideia de Giddens (2001) de que “a tradição representa não apenas o que ‘é’ feito em uma sociedade, mas o que ‘deve ser’ feito” (GIDDENS, 2001, p. 35).

De outra parte, a inovação ou a manutenção estão diretamente relacionadas aos sistemas musicais e, também, aos seus entornos sociais. A esse respeito, Béhague observa que:

A própria natureza da tradição e do estilo ou estilos musicais que a compõem em geral indica a possibilidade ou não de se aventurar nos extremos do sistema musical. Alguns sistemas são mais elásticos ou flexíveis que outros, de modo que a possibilidade de inovação depende dessa flexibilidade. O grau de flexibilidade corresponde em geral ao tipo de ideologia do grupo social. (BÉHAGUE, 1992, p. 12)

A dimensão educacional das bandas de música é algo inerente às suas próprias existências, principalmente na atualidade quando são, predominantemente, bandas-escolas. Conforme Nascimento “[...] as bandas de música no Brasil atuam como um ‘conservatório do povo’, pois, desde o século XVIII, propiciam uma aprendizagem musical não elitizada” (NASCIMENTO, 2012, p. 197). Essas instituições estão presentes na maioria dos municípios brasileiros, desde o período da colonização. Entretanto, apesar disso, Granja (1984) observa que as bandas de música quase sempre têm sua qualidade musical contestada, sendo comparadas, principalmente, com as orquestras sinfônicas. Isso indica que a configuração social e histórica das dimensões educativas e culturais se efetiva dentro de um embate político e ideológico de uma sociedade dividida por classes e interesses socioculturais distintos.

No estado do Ceará, as bandas de música estão presentes em praticamente todos os municípios. Segundo levantamento recente da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, (SECULT/CE), há 170 bandas de música cadastradas no estado. Essas instituições atendem a 4.400 crianças e jovens, oferecendo aulas de teoria musical, prática instrumental e prática de conjunto.

Na atualidade as bandas de música funcionam como escolas, nas cidades interioranas. São bandas-escolas – formadas predominantemente por adolescentes, e não mais bandas de músicos profissionais –, como observamos nesse início de pesquisa. Afora a própria incumbência da educação musical desses adolescentes, as bandas são as principais responsáveis pela formação do gosto musical dos cidadãos de pequenos municípios e Costa (2008) afirma que “as bandas carregam, na essência de sua natureza, o convívio social, o auxílio mútuo, a união em prol da música” (COSTA, 2008, p. 27), reiterando, assim, a significativa dimensão social das bandas de músicas nas cidades interioranas.

As bandas de música se instituem como provedoras de uma determinada manifestação artística, a música, e de possibilidades de cidadania a seus membros e aos que têm a banda como um bem sociocultural em suas comunidades. Compreendemos, a partir de Chauí (1995), que a arte é um direito do cidadão e que é uma construção coletiva – sendo todos os indivíduos capazes de produzir, apreciar e compartilhar as suas produções artísticas. Assim, o exercício da cidadania cultural implica no reconhecimento de que cultura não se resume ao âmbito das belas artes, como apregoam estetas conservadores. Chauí observa que:

Contra a visão neoliberal, procuramos enfatizar o caráter público da ação cultural do Estado, a abertura de campos de atividade não submetidos ao poderio dos padrões fixados pela *mass media* recusando, portanto, a *fashion culture*, e definir o papel do poder público na prestação de serviços culturais (como bibliotecas e escolas de arte)

e no financiamento de produções culturais propostas pela sociedade. (CHAUÍ, 1995, p. 82)

As bandas de música são uma espécie de serviço cultural que o poder público pode prestar, e que as pessoas podem usufruir deles na formação de sua condição cidadã. De outra parte, as bandas são ambientes de formação sociocultural, educação musical e cidadania. Penna (2014) observa que as manifestações musicais que acontecem de forma assistemática também musicalizam, funcionando, na falta de um ensino sistematizado, como escolas de música. Em nossa pesquisa, observamos que uma simples apresentação da banda de música é uma oportunidade carregada de significados, possibilitando ao indivíduo o desenvolvimento de habilidades de escuta, conhecimento sobre instrumentos, gêneros, ritmos, texturas, formas de composição, etc. As próprias apresentações realizadas ao ar livre por equipamentos culturais, como uma banda, garantem o direito do cidadão ao “lazer e a solidariedade social”, conforme Chauí (1995, p. 82).

Desse modo, a ação educativa da banda de música atende aos alunos que frequentam suas aulas e aos cidadãos que participam das apresentações. Como afirma Penna, “[...] se os esquemas de percepção das linguagens artísticas são desenvolvidos pelas experiências de vida de cada um, torna-se claro que não é apenas a escola que musicaliza” (PENNA, 2014, p. 33).

3. A Banda de Música Dom Pompeu

A Banda de Música Dom Pompeu da cidade de Alto Santo, foi criada no ano de 1999. Conforme o primeiro contramestre da banda de música, Evaldo Lopes, em poucos meses o grupo estava preparado para realizar sua primeira apresentação para os cidadãos de alto-santenses que ficaram surpresos em ver uma banda de música formada por crianças e jovens tocando dobrados e valsas.

Luiz Carlos, ex-integrante do grupo, informa que a banda foi uma coisa nova na cidade e que movimentou a cultura musical do município. Esse músico diz que “[...] eu acho que Alto Santo estava de queixo caído, ninguém imaginava que a gente iria fazer aquilo, tocar e se tornar músico” (REIS, Entrevista – 2019). Entendemos que esse músico se sente mudado, como cidadão, a partir de sua atuação na banda. Ele agora não é mais um sujeito anônimo, mas um músico. E músico parece ser, para ele, um ator social importante. Afirmamos que existência e atuação de uma banda estimula nos cidadãos o

Direito a reconhecer-se como sujeito cultural, graças à ampliação do sentido da cultura, criando para isso espaços informais de encontro para discussões, troca de experiências, apropriação de conhecimentos artísticos e técnicos para assegurar a autonomia dos sujeitos culturais, exposição de trabalhos ligados aos movimentos sociais e populares. (CHAUÍ, 1995, p. 82)

Desde 2015, a Banda de Música Dom Pompeu é regida pela maestrina Alexandra Marques. Ela iniciou seus estudos musicais na década de 1990, na cidade de Jaguaruna, que fica localizada no litoral leste do Estado do Ceará.

A discussão sobre a maestrina como uma agente sociocultural é importante em nossa pesquisa. Se, tradicionalmente, os maestros sempre tiveram o papel de arranjadores, professores de teoria, instrumento, orientadores morais, e, até, de agenciadores econômicos que cuidavam dos contratos da banda para algumas atividades, na atualidade esses agentes socioculturais se veem obrigados a uma postura muito mais ativa em frente às suas bandas de música, como as de elaboradores de projetos para financiamento em editais de fomento à cultura de estados, prefeituras e órgãos federais; como organizadores de festivais, congressos e encontros de bandas de música, etc. A própria atividade de maestria de bandas foi, por muitos séculos, algo permitido apenas aos homens. Almeida (2010) afirma que “[...] foi somente na década de 1970 que as mulheres passaram a integrar as bandas, porém só nas civis” (ALMEIDA, 2010, p. 48).

A maestrina atua há mais de três anos na cidade de Alto Santo, e foi convidada pela prefeita da cidade para reativar a banda de música, que estava parada. A partir de sua atuação, a banda está constantemente presente nas inaugurações, festas religiosas, comemorações cívicas diversas, festividades nas diversas comunidades do município e eventos em outros municípios. Ou seja, a banda de Alto Santo passou a ter uma presença maior na vida cultural da cidade e da região, além da própria atividade da maestrina como professora de música. Em Alto Santo, um dos eventos mais significativos para os munícipes, segundo a maestrina, é o Projeto Cultura na Praça, quando a banda de música realiza apresentações nas comunidades, o evento é organizado pela Secretaria de Turismo, Cultura e Juventude – SECUJ do município junto com a maestrina. Sobre a aceitação da banda a maestrina afirma que:

Nas comunidades as crianças chegam logo perto, ficam admirados com os instrumentos a aceitação é muito boa, chega brilha o olho, quer participar para conhecer, porque nunca viram, tem muitos que não sabem nem o que é aquilo ali, que vem, pede para bater num instrumento de percussão ou pede até para soprar num instrumento de sopro pensa que é facinho logo de cara, tem aquela vontade,

peçoal aplaude também, tem os aplausos lá é tudo forte é muito bom! (LIMA, ENTREVISTA – 2019)

Nesses eventos a banda funciona como um instrumento de democratização no acesso à arte, visto que são poucos os equipamentos musicais nas pequenas cidades do interior. Penna (2014) reforça que as formas de educação não formais também têm o potencial para musicalizar, e acrescenta que:

No caso da “musicalização espontânea”, através de vivências assistemáticas, as possibilidades dependem, diretamente e de maneira bastante clara, das condições socioculturais do indivíduo; condições estas que, como veremos, também interferem nos processos escolares e formais de musicalização. (PENNA, 2014, p. 34)

Quando assistem uma apresentação da banda, observamos que as crianças fazem perguntas, principalmente, sobre o nome dos instrumentos musicais, como são tocados, e como devem fazer para participar da banda. A maestrina explica como a banda funciona, os nomes dos instrumentos, como são tocados e as formas de ingresso. Isso é um primeiro passo no sentido da educação musical e na formulação de um processo de cidadania cultural. Discorrendo sobre a cidadania cultural e o direito de acesso aos bens culturais, Chauí (1995), observa que, para a consolidação da democracia, deve haver o:

Direito de acesso e de fruição dos bens culturais por meio dos serviços públicos de cultura (bibliotecas, arquivos históricos, escolas de arte, cursos, oficinas, seminários, gratuidade dos espetáculos teatrais e cinematográficos, gratuidade das exposições de artes plásticas, publicação de livros e revistas etc.), enfatizando o direito à informação, sem a qual não há vida democrática. (CHAUÍ, 1995, p. 82)

É comum que os cidadãos acompanhem os ensaios do grupo. Sobre isso, a maestrina afirma que as pessoas deixam suas atividades pessoais para ver como o repertório é preparado. Um dos facilitadores para essa formação de público é a localização da sede da banda que fica próxima à igreja central da cidade. Assim, após as missas, os cidadãos se dirigem até a sede da banda para acompanhar os ensaios. Para incentivar mais a participação do público a maestrina realiza um ensaio aberto na praça. Ela afirma que “[...] às vezes eu faço um ensaio aberto aqui na praça, aí eles vem [...]” (LIMA, Entrevista – 2019).

Sobre a escolha do repertório para ser executado nas apresentações da banda, a maestrina afirma que, por conta de sua formação ela se considera bem tradicional na escolha das músicas e também coloca que as bandas devem seguir suas tradições. Conforme a maestrina sua formação musical na banda de música onde iniciou seus estudos musicais e seu primeiro maestro justificariam suas escolhas, ela afirma que essa tradição do repertório antigo

nunca vai acabar. No entendimento da maestrina, tradição é passado, cultura conservada, que são os dobrados, valsas, choros, frevos e maxixes. Entendemos que essa vinculação ao repertório musical do passado, estabelecido culturalmente, é, de fato, uma estratégia da maestrina para atuar no presente, fazer o presente, construir a atualidade, parafraseando Giddens (2007), quando observa que são os guardiões que, em suas atividades, interpretam e protegem a memória coletiva. A maestrina é, dessa maneira, uma guardiã das tradições sociomusicais de sua banda que “[...] tem como referência a tradição musical com que se identifica e é provavelmente a sua percepção dos limites ou das fronteiras desta tradição que [a] guia na busca de suas expressões” (BÉHAGUE, 1992, p. 12).

4. Considerações finais

Nesse momento da pesquisa, constatamos que as bandas de música se configuram como instituições de ensino musical e formação cultural. Atuando, principalmente, nas camadas menos favorecidas da sociedade e em regiões onde não há escolas de música e variados equipamentos musicais, as bandas de música podem contribuir com o acesso ao ensino sistematizado da música e para a democratização no acesso à cultura e à arte. Além da própria formação de músicos, as bandas formam um público para as mais diversas manifestações musicais, quando propicia vivências e aprendizados musicais entre os alunos que seguirão outras profissões e os cidadãos que assistem às apresentações. Já nesse início de pesquisa, temos observado que, na cidade de Alto Santo, a banda de música tem desempenhado esse papel, principalmente por ser a única instituição de ensino musical da cidade e um dos poucos equipamentos musicais, afora o que a “*mass media*” impõe para o consumo e vivência cultural dos munícipes.

A partir das constatações preliminares de que essa banda funciona, principalmente, como uma banda-escola, diferente das bandas de música do passado; de que essa banda tem uma atuação constante nas diversas comunidades do município, através de suas apresentações; de que os cidadãos, até agora entrevistados, afirmarem que a banda é um meio de lazer e conhecimento musical significativo para os mesmos; e de que a banda tem a direção de uma maestrina que atua em diversas frentes, além da regência, pretendemos aprofundar as investigações que nos elucidem melhor como se efetiva o ensino-aprendizagem numa banda que é do modelo banda-escola e aprofundar as discussões sobre o papel que essa banda pode ter no fortalecimento da cidadania cultural entre os munícipes.

Referências

- ALMEIDA, José Robson Maia de. *Tocando o repertório curricular: bandas de música e formação musical*. Fortaleza, 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3302> Acesso em: 14 mar. 2019.
- BÉHAGUE, Gerard. “*Fundamento Sócio-Cultural da Criação Musical.*” In: *Art*, 019 (ago.): 5-14. 1992.
- BERGER, Peter L., BERGER, Brigitte. *O que é uma instituição social?* In: FORACCHI, M. M., MARTINS, J.S.(Orgs). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.
- CAJAZEIRA, Regina Célia de Souza. *Educação continuada a distância para músicos da Filarmônica Minerva: gestão e curso batuta*. Salvador, 2004. 316 f. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695> Acesso em: 15 mai. 2019.
- COSTA, Luiz Fernando Navarro. *Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro*. João Pessoa, 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695> Acesso em: 15 mai. 2019.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Cultura Política e Política Cultural. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, 1995.
- _____. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Poços de Caldas, v. 26 n. 24, p. 5-15, 2003.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. 245 p.
- GIDDENS, Anthony. *Em defesa da sociologia: Ensaios, interpretações e réplicas*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 95 p.
- _____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 103 p.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em ciências sociais*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.
- GRANJA, Maria de Fátima Duarte. *A banda: som & magia*. Rio de Janeiro, 1984. 144 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 1984.
- LIMA, Alexsandra Marques de Oliveira. Entrevista cedida a Francisco Ernani de Lima Barbosa, Alto Santo, 22 dez. 2019. 25:28 min.
- MERRIAM, Alan P. *The anthropology of music*. *Evaston*: Northwestern University Press, 1964. 345 p.
- NASCIMENTO, Marco A. T. Situação de Educação e Métodos em Educação Utilizados pelas Bandas de Música. In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro. *Educação Musical: Campos de Pesquisa, Formação e Experiências*. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 197-211.



_____. *Método Elementar para o Ensino Coletivo de Instrumentos de Banda de Música “Da Capo”*: um estudo sobre sua aplicação. Rio de Janeiro, 2007. 88 f. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247 p.

REIS, Luiz Carlos Oliveira dos. Entrevista cedida a Francisco Ernani de Lima Barbosa, Alto Santo, 22 dez. 2019. 18:51 min.

SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008. ‘Tradução por’ Giovanni Cirino.